

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A TORRE MÁGICA

Por FRANCISCA DO CARMO COSTA

E RA quinta-feira.

A-pesar do Alberto ser muito alegre e muito esperto, naquele dia não tinha vontade de brincar. Andava muito apoucado e quasi aflito. A lição a dar, no dia seguinte, metia-lhe medo. Nunca tivera tanta dificuldade e o pior era que não se sentia capaz de sair dela.

Como era caprichoso nos seus estudos, custava-lhe pedir qualquer auxilio. Por fim, não teve outro remédio senão procurar o pai e pedir-lhe que o ajudasse.

— «Estuda, estuda, (disse-lhe o pai). Vai até onde puderes e, depois, volta a falar comigo.»

O Albertinho, como tivesse perdido a coragem, não seguiu o conselho do pai. Foi ter com a mãe e, muito desanimado, pediu-lhe que o tirasse do grande embaraço.

A mãe respondeu-lhe :

— «Cumprê o que teu pai te disse e depois eu te ensinarei o que não souberes.

Alberto voltou para junto dos livros, ainda mais triste. Tinha perdido a coragem de todo. Quando folheava os livros, vagarosamente e sem nenhuma esperança, apareceu perto d'ele a avó.

Assim que a viu, o Albertinho, que se lembrava das muitas histórias que ela lhe contara, disse muito pesaroso :

— «Oh, avózinha, eu não poderia ser cão?»

A boa senhora sorriu e, a tão estranha lembrança, por sua vez, perguntou:

— «O que é que tem o Albertinho que já não quiere ser o meu neto?»

— «Ora, o cão não tem nenhuma dificuldades. Não tem que estudar as lições nem medo de aparecer nas aulas sem os seus exercícios bem feitos.»

— «Dá um beijinho à tua avó. Não há-de ser preciso que deixes de ser meu netinho. Não sabes como há-de sair duma grande dificuldade? Como a primeira condição para bem resolver qualquer dificuldade, é não estar triste, vou ajudar-te, contando-te uma história.»

E a avózinha começou:

«Quando eu era pequenina, era como todas as crianças: gostava de tudo, de ver tudo e de me meter por todos os caminhos. Um dia, num passeio ao campo, ouvi cantar um rouxinol e, para apanhar e ver a avezinha, fui andando, andando e tanto me afastei que me perdi. Quando já estava possuída de medo, avistei, na minha frente, uma torre muito alta. Como visse que o rouxinol entrara na torre, por uma fresta, fiquei muito contente e esqueci-me que andava perdida. Só me preocupava o desejo de entrar na torre.

Surgiu logo uma dificuldade. Quando me aproximei da torre, reparei que ela não tinha porta. Pus-me muito triste e parece que, com a tristeza, voltou outra vez o medo. Já me dispunha a procurar o caminho do regresso, quando notei que o capricho de apanhar o rouxinol e entrar na torre, não me deixara ver uma velhinha que se confundia com um rochedo.

— «Não me dirá como se entra e se sai daquela torre, pois não vejo a porta?»

— «Não admira! (respondeu a velha). — Aquela torre não é como as outras. É uma torre mágica. Não se vê logo a entrada mas quem tiver muita



vontade e mostrar deligência, em qualquer altura, uma porta se lhe abrirá. Não fique só a olhar para a torre. Tenha fé, dê uma volta à torre, outra e mais outra, se fôr preciso, e encontrará a entrada que deseja.»

Segui o conselho da velhinha. Dei uma volta à torre e não vi nenhuma porta. Já estava quasi a desanimar. Lembrei-me do conselho, teimei, e ao fim de duas voltas, vi uma porta muito larga por onde entrei sem a menor dificuldade. Ainda bem não tinha entrado, logo a porta se fechou. Não quis mais saber do rouxinol. Só me preocupava com a minha saída.

Bati á porta e fiquei cheia de pavor. Não ouvia o som das pancadas. Se eu as não ouvia, como podia alguém, de fóra, me acudir? Cai no chão, a chorar, muito aflita. Quando julgava que nunca mais poderia sair da torre, apareceu, ao pé de mim, a velhinha. Fiquei muito contente e admirada, porque a porta não estava aberta. Mais animada, perguntei-lhe:

— «Como é que entrou?»

— «Se não fôsses tão medrosa e tão indecisa, podias ter pensado que poderia haver outra porta.»

— «Então, vem buscar-me?»

— «Não. Vim só para te dizer que és muito esquecida. Não sabes que esta torre é a torre mágica?»

Agora e sempre, lembra-te do meu conselho. Quem tiver muita vontade e mostrar deligência, em qualquer altura encontrará sempre uma porta que se lhe abre. Tudó neste mundo tem uma saída. Procura, procura sempre e verás como tenho razão.»

Dito isto, desapareceu.

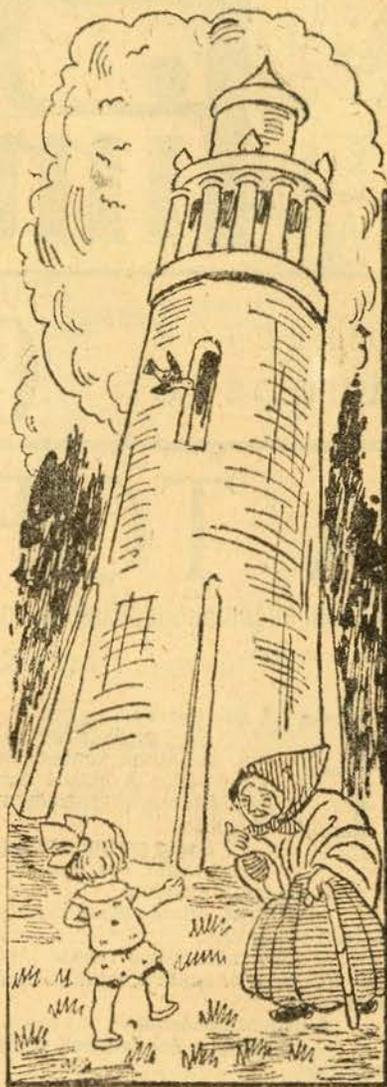
Enchi-me de coragem e tentei, com boa vontade e com fé, encontrar a porta.

Subi escadas, desci escadas, fui ao fim, voltei atrás, animei, desanimei e, por fim, sempre encontrei.

Na minha frente uma porta se abria com toda a facilidade, que ia dar precisamente ao caminho da minha casa. A saída, junto da porta, estava a mesma velhinha. Quando me voltei para o lado da torre, a torre tinha desaparecido. A velhinha, percebendo que eu ficara com muita pena, disse-me:

— «Pela vida fora, a torre voltará a aparecer-te. Muitas vezes te encontrarás nela sem o saberes. Esta tomará varias formas. Para a reconheceres nunca te esqueças dos meus conselhos, lembra-te do nome que ela tinha. Chama-se a torre da dificuldade.»

— «Agora já deves estar mais bem disposto (disse, ao concluir a sua história, a avózinha do Alberto). Volta para as tuas lições e faz a diligência de estudar o mais que puderes. Quando estiveres muito desanimado, lembra-te da «torre mágica». Lá te aparecerá, também, uma velhinha que te indicará uma saída.»



F I M

HISTÓRIA PÁTRIA Por JOSINO AMADO

CONDE D. HENRIQUE

I

Por brandir a espada, a lança,
Contra as hostes da mourama,
Deixei as terras de França
Em busca de glória e fama.

Com bravura, denodado,
Servi o rei de Castela,
Em paga deu-me um condado
E Teresa, a infanta bela.

Mal que a terra sem igual
Pisámos e a fina areia
De Coimbra e Portucale,
Eu tive logo uma ideia:

Fazer do solo formoso
E da sua ousada gente

Um povo livre, glorioso,
Heróica Nação valente.

Por ela lutei convicto,
Sem vê-la a vida findou;
Mas deixei um pequenito
Que foi grande e que a fundou!

II

D. TERESA

Infanta de formosura,
Afonso, meu pai, me deu
A conde que, com bravura,
Contra os mouros combatou.

E grato ao muito que vale
O seu braço no lidar,
Condado de Portucale
Deu-lho para governar.

Mais tarde, quando a viuvez
Pôs a meu cargo a regência,
Do bom povo português
Procurei a independência.

Revoltas, questões, argúcia,
Inteligência, vontade,
Tudo empreguei, com astúcia,
Pela nacionalidade.

Porém, se tirou o brilho
Um desvairo à minha acção,
Foi o meu sangue, o meu fillo,
O fundador da Nação!

F I M

CONSEQUÊNCIAS DUMA PARTIDA DO JUCA

Por ALBERTO NEVES

JUCA, o pequeno Juca, era um malandrete de primeiríssima ordem.

Tôdas as partidas, que se lhe afiguravam possíveis, êle levava a efeito com uma tão espantosa habilidade que, na verdade, abismava.

Vou contar aos meus amiguinhos uma dessas partidas.

— Juca, certo dia, pediu ao pai dinheiro para cadernos, lápis, aparos, etc.

... Porém, foi comprar pólvora!...

Levou-a para casa, muito secretamente. Escondeu-a no seu quarto, lá num determinado sítio que só êle sa-



bia, e foi estudar melhor o seu plano, do qual resultaria uma partida, da qual, por um trís, não foi vítima.

Uma hora após ter estudado bem o seu plano, foi buscar a pólvora ao quarto, o martêlo à despensa, e dirigiu-se para o terraço... Aqui, espalhou, num pequeno montinho, a pólvora sôbre a qual fez funcionar com tôda a fôrça o martelo.

Ouviu-se um enorme estrondo, e o prédio, que se compunha de seis andares, estremeceu todo.

A vizinhança correu para a rua, gritando: — Santo Deus! Um tremor de terra!...

A vizinhança, com efeito, julgava tratar-se de um terramoto! Entretanto, o Juca também muito assustado, pois não previra que o seu



acto alcançasse tal violência, fugiu precipitadamente para a rua, gritando: uma explosão! Ao ver a mãe de joelhos, em plena rua, ficou muito embaraçado. Esta, nem por sombras suspeitando de Juca, abraçou-o, dizendo-lhe: meu filho, não foi uma explosão, não! Foi um tremor de terra!...

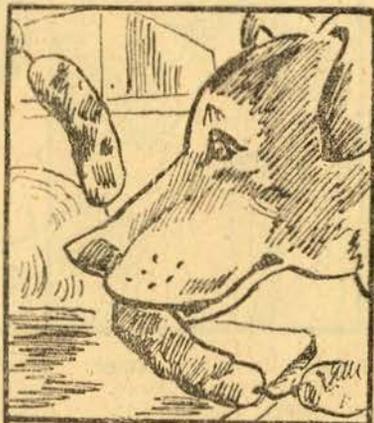
Ao mesmo tempo uma velhinha caía desmaiada.

Um senhor, que dormia pacatamente a «sesta», com o sus'o, caiu da cama abaixo.

Um aparelho de telefonia, que tocava no terceiro andar, cessou.

A travessa com o atum e as batatas, que eram o almoço do senhor An-

(Continua na página 7)



A DIVINHA



Meus meninos: Vamos a ver qual de vós mais rapidamente descobre o nome desta menina!

CONCURSO

DOS

PALACIOS E MONUMENTOS

AVISO AOS
CONCORRENTES

Terminando êste nosso Concurso no fim do corrente mês, prevenimos todos os concorrentes de que deverão enviar-nos as suas cadernetas, segundo as instruções aqui, por vezes, publicadas, até ao próximo dia 20.

A N E D O T A

Preguntaram a Serapião:

— «Sabes ler e escrever.»

O nosso herói ceçou a cabeça e respondeu:

— «Não lhe posso dizer porque nunca experimentei.»

O PRETINHO QUE SE FEZ BRANCO

Por IDALINA CAVALHO RODRIGUES

Jaime e os pais viveram alguns anos na Guiné, e, quando regressaram a Portugal, trouxeram um pretinho, de oito anos, muito esperto e engraçado que ficara órfão. O Juca, assim lhe chamavam, afeicou-se muito aos seus protectores e principalmente ao Jaime, mais velho do que ele três anos.

O Jaime era, porém, mau: nunca pudera ver com bons olhos a afeição que seus pais testemunhavam ao pequeno órfão. Detestava-o; procurava todas as maneiras de o desgostar e humilhar, nunca o admitindo nas suas brincadeiras.

De qualquer maldade que ele próprio fazia, acusava o Juca que, algumas vezes, fôra inocentemente castigado porque, generoso como era, nunca se defendia, só para



que o Jaime não recebesse o merecido castigo. Desde esse dia, mais triste ficou o pobre menino. — «Se eu fosse branco já o *minino* gostava de mim!» Era esta a sua ideia em tal pensava!... As vezes, quando Juca lhe perguntava, com tristeza, por que o não deixava brincar consigo, o Jaime respondia-lhe com mau modo e respondia-lhe que não queria brincar com o Juca, porque ele não gostava dele.

Os pais do Jaime, um dia, notando que o filho não brincava com o Juca, repreenderam-no severamente, e obrigaram-no a brincar com ele, dos seus brinquedos. O Jaime, rancoroso, resolveu vingar-se do Juca. Mas *minino* não gosta de mim! Por isso, resolveu castigá-lo, e obrigaram-no a brincar com ele, dos seus brinquedos.

O Jaime, rancoroso, resolveu vingar-se do Juca. Mas *minino* não gosta de mim! Por isso, resolveu castigá-lo, e obrigaram-no a brincar com ele, dos seus brinquedos. O Jaime, rancoroso, resolveu vingar-se do Juca. Mas *minino* não gosta de mim! Por isso, resolveu castigá-lo, e obrigaram-no a brincar com ele, dos seus brinquedos.

reuiu-lhe uma ruim lembrança que logo pôs em prática.

Poi ao quarto da mãe, tirou um anel de grande valor, meteu-o na algibeira do casaco, na ideia de ir escondê-lo no quarto do Juca, para, assim, o acusarem do roubo.

A mãe, em breve, deu pela falta do precioso anel. Ficou muito admirada de o não ver na caixa onde o costumava pôr. Tinha a certeza de, ainda na véspera, o ter pôsto ali. Quem o tiraria? Tinha toda a con-

fiança nos criados! Mas alguém lhe merecera!... Pensava ela, sem compreender.

(Continua na página 3)



O MENINO PRODIGO



Menino prodígio, o Nando, precoce e espantoso artista, passa o seu tempo pintando uma tela futurista.

Dando o trabalho por findo, com ares bastante ufanos, vai mostrar o quadro lindo ao papá, mamã e manos.

A família toda junta, que enlevada logo fica, elogia-o mas pergunta o que a tela significa.

Então, Nando, francamente diz, sem se desconcertar: — «Era isso, exactamente, que eu lhes vinha pergun-

Outra vez o Manuel da Esquina

Por MANUEL FERREIRA

Conheço, como os meninos sabem, um salão chamado «Manel» da Esquina, que tem uns ditos muito engraçados.

Certo dia, veio de comboio a Lisboa. Chegado a uma estação, ouviu dizer:

— «Já estamos em Braço de Prata!» No apeadeiro seguinte, outro passageiro perguntou ao Manuel:

— «Que estação será aqui?» Manuel respondeu prontamente: — «Não tem nada que saber! Se ali era Braço de Prata, com certeza aqui é Perna de Pau...»

Agora, «Manel» da Esquina, está encostado a uma esquina, feito moço de fretes.

Um cavalheiro acerca-se dele:



— «Tu entras na Confeitaria Brasil, dás as boas-noites a quem estiver ao balcão e perguntas pelo senhor Matos.

Falas-lhe e dizes para ele procurar o doutor Seabra, no Café Luso.»

Manel assim fez. Pelo caminho ia compondo versos. E, quando chegou à loja, disse:

— «Boa noite, meus senhores! Não sei qual dos senhores é, Mandou-me cá, não sei quem, Que vá lá não sei quem é...»

Um belo dia, encontrou o compadre Tóino. Era carteiro.

— «Ando sempre carregado de cartas. Sempre a subir e a descer escadas!»

Manuel respondeu-lhe, então:

— «Andas carregado porque queres...»

— «Porque quero? Essa agora!»

— «Pois claro! Porque não deitas tu as cartas no correio!»

(Continua na página 8)

NÃO FAÇAS AOS ANIMAIS...

Por MANUEL DA SILVA ROCHA FELGUEIRAS

CONHECI o padre Moraes em 1932. Era um santo e probo velhinho de cabelos brancos, um tanto alquebrado, mas ainda bastante forte e saudável para exercer a sua doce missão. Quando, de manhã, o sol se levantava no horizonte, quasi sempre vinha encontrá-lo a pé, às voltas com os seus catrapásios, na pequena sala a que ele, pomposamente, dava o nome de biblioteca.

Neste quarto, de acanhadas dimensões e raros móveis, onde se empilhavam muitos livros cuidadosamente arrumados em estantes de pinho, passava o bom velho as poucas horas que medeavam entre aquela em que se levantava e a da missa.

Depois desta e do sermão moral ou religioso, que o reitor nunca se esquecia de prégar aos seus paroquianos, perdia a manhã — se perder é o termo — a dar uma volta pela povoação, a fim de consolar os infelizes e os doentes, socorrer os pobres ou ensinar as crianças.

Todos o amavam na aldeia. Quando passava na rua, era saudado respeitosamente. Ele correspondia aos cumprimentos com um alegre sorriso a iluminar-lhe o rosto.

Tinha um criado quasi da sua idade, que o servia havia já bastante tempo. O velhote era rabujento mas trabalhador e honrado. Só tinha um defeito que muito desgostava o reitor: batia desalmadamente nos animais, especialmente num pobre burro que possuia.

O bom padre Moraes tentara, por diversos meios, evitar que o criado o maltratasse. Pediu, aconselhou, ralhou e até chegou mesmo a ameaçar, sem nada conseguir. O velho cabeçudo continuava na sua e respondia invariavelmente:

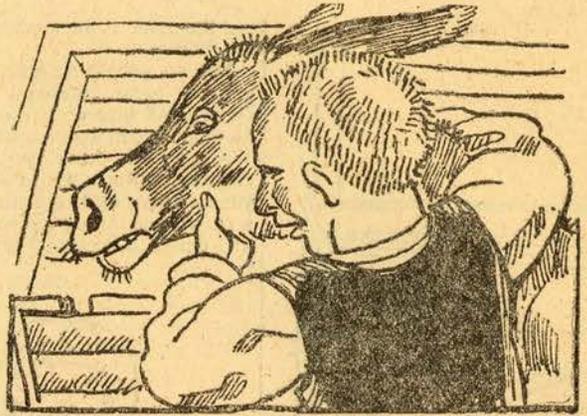
— «São «bestas» e é preciso ensiná-las.»

Na aldeia todos falavam no caso e não poupavam, ao velho, as admoestações e os ditos «espirituosos». Um dia, o mestre barbeiro, enquanto lhe escanhoava os queixos, falou-lhe no assunto, querendo mostrar, ao mesmo tempo, que era um tanto versado em zoologia.

— «O compadre João faz mal em maltratar os animais, porque nós somos animais como eles; isto é...»

Mas o velhote não o deixou acabar, porque lhe gritou, fulo de raiva:

— «Nós somos animais?! Então eu sou um animal?...»



— «Sim, senhor; mas com uma pequenina diferença. Você é um animal racional e o seu burro, por exemplo, é um animal irracional.»

O compadre João ficou um pouco embatucado com esta teoria do barbeiro mas, por fim, voltando a si, arrancou a toalha do pescoço e saiu porta fora, berrando como um danado:

— «Racionais, irracionais... Qual carapuça!... Eu sou um «home»! Animal será ele...»

O reitor, informado do que se passava, tentara convencer o criado. Mas qual, ele continuava na sua e, sempre escamado com o compadre barbeiro, não fez a barba naqueles dias mais chegados.

O padre Moraes, contudo, não desesperava de conseguir emendá-lo. Esperava uma ocasião propícia e essa ocasião não se fez esperar.

No verão seguinte, fui passar as férias à aldeia, e, no mesmo dia em que cheguei, fui fazer uma visita ao reitor.

Até à hora do almoço, o bom párcico entreteve-me em amena conversa sobre assuntos religiosos. Ao despedir-me, deixei, por esquecimento, em cima da sua secretária, os jornais que levava comigo.

De tarde, quando passei pelo presbitério, encontrei o padre Moraes, muito entretido, a ver um desenho que vinha num dos meus jornais.

— «Pode emprestar-me este jornal?» — pediu ele, com um sorriso de triunfo.

— «Ora essa, senhor reitor. Pode até guardá-lo.»

— «Este desenho, que aqui está reproduzido, interessa-me



O PRETINHO QUE SE FEZ BRANCO

(Continuado da página 4)

Foi ter com o marido ao escritório, e expôs-lhe o sucedido, deixando-o, igualmente, surpreso.

O Jaime, que estava junto de seu pai, ao ver que a mãe já havia dado pela falta do anel, não podendo, portanto, completar o seu diabólico intento, ficou desesperado. Assim, já não podia haver a certeza de que fora o Juca, pois que o anel ainda estava na sua algebeira!

CONSEQUÊNCIAS DUMA PARTIDA DO JUCA

(Continuado da página 3)

tunes, mestre de obras, inquilino do 2.º andar, quando por êle ia a ser despejada, saltou, indo bater na cara da criada que, nêsse mesmo instante, entrava na sala de jantar.

O gato do 1.º andar, assanhou-se, e foi, acto contínuo, arranhar a sogra de seu dono, o qual, nem sei porquê, ficou muito contente.

O «Dich», um cachorro de estimação, do 4.º andar, aproveitando-se de todo aquêl reboição, e sem perder a sua serenidade, dirigiu-se à despen-sa, e banquetou-se com queijo flamengo, da «Ilha» e «Saloi», paio, presunto e chouriço de Arraiolos... além de outras coisas boas, pois o seu dono possuía uma mercearia.

E eis as terríveis consequências duma partida do malandre do Juca, que bem atestam a veracidade do ri-fão: — com o fogo não se brinca.

Mas mesmo sem a prova, não desistiu de acusar o inocente pequeno. Ele arranjaría palavras que convencessem os pais.

Então, logo que a mãe acabou de falar, êle, sem a menor hesitação, exclamou: — «Mãezinha, já sei quem foi o culpado! Foi o Juca! Surpreendi-o, há pouco, a sair do seu quarto... Logo que me viu, fez-se muito côrado e notei que estava comprometido, pois fugiu de mim, e fechou-se no quarto. Fiquei muito admirado mas não liguei grande grande importância ao caso. Agora já sei o motivo da sua atrapalhação!»

Os pais sabiam a aversão que o filho tinha pelo Juca mas não o julgavam mau até áquele ponto.

Admirados e duvidosos ficaram. Porém o pai, olhando-o com severidade, disse-lhe: — «Jaime, olha que é uma coisa muito séria o que afirmas! Estás certo do que dizes?»

— «Sim, paizinho. — (repetiu o Jaime) — tenho a certeza de que fei êle.»

— «Custa-me a crer que o Juca fôsse capaz de tão feia acção, mas o que é certo é que o anel desapareceu; vai-se, pois, procurar no quarto dele, a ver se lá se encontra.»

— «Só assim acreditarei!» (disse a mãe.)

O Jaime começava a sentir o rebate da sua consciência e, cheio de nervoso, puxou pelo lenço, que se encontrava na algebeira onde escondera o anel. Este, de súbito, caí no chão, ante o espanto dos pais!

Lágrimas de dôr embaciaram os olhos da mãe, ao compreender a maldade do filho, e o pai, muito severo, pegou, com dureza, num braço do Jaime e exclamou: — «A tua acção causa horror! Nunca te julguei com tão baixos sentimen-

tos. Vou chamar Juca, a quem contarei o que fizeste!»

E, chegando à porta, chamou pelo pequeno.

O Jaime, compreendendo, afinal, a horrenda acção que praticara, chorava desesperadamente, cheio de remorsos e de vergonha.

Neste momento, aparece o Juca. Mas um «oh!» de espanto saiu de tôdas as bocas!

Não era o Juca pretinho como um carvão que entrara, mas um Juca branco, branco demasiado até, com uns olhos muito negros a reluzirem de alegria!

— «Agora o *minino* já pode gostar de mim! O Juca já não é preto! (E ajuntou em voz triste.) — Mas olhe que custa muito ser branco, *minino*! Sinto o corpo a arder, cheio de picadas!»

È que o pretinho, na esperança de ganhar a amizade do Jaime, tomara um banho, dentro duma barrica cheia de cal, que o deixara naquele estado!

O Jaime, ao ver mais esta prova de dedicação e amizade do Juca, comovido, soluçante, ajoelhou-se aos pés do pai e pediu-lhe que nada contasse ao pobre rapaz, pois que muitos remorsos sentia e que, de futuro, seria o seu maior amigo. O pai fez-lhe a vontade, convencido do seu arrependimento.

Ao Juca foi dado um banho, que o tornou preto como dantes. Todavia, o pretinho considerava-se feliz, por ter, enfim, conquistado a amizade do Jaime, tornando-se ambos, desde êsse dia, dois amigos inseparáveis!

F I M

bastante, para vêr se consigo converter um pecador...»

Aproximei-me e, pela primeira vez, reparei no desenho. Eram duas caricaturas representando, respectivamente, um burro montado num homem e um outro empoleirado em cima de uma carroça puxada pelo carroceiro. Por baixo dos desenhos, a seguinte legenda: «O mundo é avessas».

Neste momento, ouvimos o ruído dos tamancos do criado João, que subia a escada e, daí a momentos, entrava na sala, trazendo o correio para o reitor.

— «Venha cá, João. Você veiu mesmo a propósito!» — murmurou o reitor, muito sério.

O criado foi-se aproximando, lentamente e, muito desconfiado, olhava para mim.

O reitor mostrou-lhe as caricaturas. Êle olhou-as, muito admirado, ao mesmo tempo que abria demasiadamente os olhos. Por fim, coçando na cabeça, perguntou, aparvalhado:

— «Isto é verdade, senhor reitor?»

— «Claro que é, homem. Numa terra, aí para fora, os homens maltratavam os burros e êles revoltaram-se. O resultado aí o tens. Sabes lêr? Lê...»

O velhote não sabia lêr, mas via bem o que a gravura representava. Aquilo fez-lhe espêcie, caiu-lhe lá dentro.

Muito enfiado, safu da biblioteca, depois de ter restituído o jornal ao reitor.

Algum tempo depois, querendo o reitor mostrar-me o seu aviário, descemos ao quinteiro. Quando passávamos pelo alpendre da cave que servia de cavalariça, ouvimos lá dentro um ruído e uma voz humana.

Intrigados, espreitámos pela larga porta e vimos o João abraçado ao burro, fazendo-lhe muitas festas, ao mesmo tempo que ia resmungando:

— «Deixa lá, «Crispim», eu sou teu amigo. Não te bate-rei mais, dou-te muito feno e trabalharás pouco; mas, em paga, quero que me não obrigues a puxar carroças nem me forces a andar contigo em cima de mim.»

Eu e o reitor trocamos um rápido olhar. Quási rebentávamos de riso e tivemos de sair dali para não denunciarmos a nossa presença.

O «truque» do padre Morais surtiu o efeito desejado; pois o João não voltou a maltratar os animais e ainda hoje tem mêdo que os burros da aldeia se revoltem contra os homens.

F I M

O SUPÉRFLUO

Por LAURA CHAVES

AQUELA luva amarela de camurça pespontada era bela, muito bela, mas uma tôla chapada.

Olhava, de resto, a mão, quando tinha de a calçar, achava-a um aleijão... e punha-se a resmungar:



— «Disseram-me que Jesus, há já séculos sem fim, mandava vestir os nus... Seriam todos assim?»

Que dedos sem importância!
Que pele pouco macia!
Não fôsse a minha elegância,
nenhuma vista fazia!

Eu cá, no lugar da mão,
tinha-me sempre calçada.
Comigo, faz um vistão!
Sem mim, é mal amanhã.»

Mas esta, que tal ouviu, respondeu, com más maneiras: — «Tu não dês nem mais um pio que já estou farta de asneiras!

Como é que podes pensar que eu só por ti é que valho, se tenho de te tirar, amiga, quando trabalho?»

Deixa-te de falas tontas, minha luva alambicada, tu és, afinal de contas, um supérfluo e mais nada.

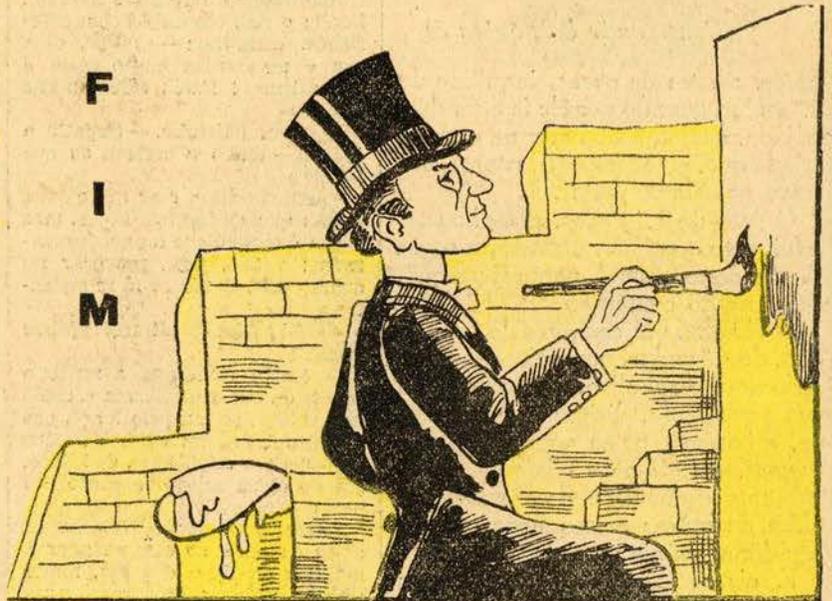
E digo-te sem refolhos: o supérfluo é sempre fútil, só para agradar aos olhos é que êle na vida é útil.

No que acabo de afirmar, eu à verdade não falto, pois ninguém vai trabalhar de casaca e chapéu alto.»

.....
Este conto não é extraordinário mas que grande verdade êle contém! Que Deus sempre nos dê o necessário...

Sem o supérfluo passa a gente bem.

F
I
M



OUTRA VEZ O MANUEL DA ESQUINA — (Conclusão da página 5)

— «Já vacinaste o teu filho?» — perguntou o Tónio ao saloio.
— «Eu não! A vacina não serve para nada.»



— «Ora essa!»
— «Vê lá tu o filho do Jerôme. — (tornou Manuel) — Foi vacinado, e, dois dias depois, caiu da janela abaixo. Vê lá para que lhe serviu a vacina!»

Adoentado, Manel da Esquina, foi ao médico.
Este perguntou ao saloio:
— «Então, que tem?»
Manel, espertalhão, respondeu:
— «Se eu disser ao senhor doutor o que tenho, faz-me a consulta mais barata?»

Manel da Esquina tinha um burro. Queria vendê-lo e sabendo que o seu amigo Jerónimo queria comprar um burro, escreveu-lhe um postal:

Amigo Jerôme
Consta-me que deseja comprar um burro. Peço-lhe que não se esqueça do seu amigo
Manel

